

**PROPAGANDA, RESISTÊNCIA, PROPAGANDA...
UM BALANÇO DOS ESTUDOS SOBRE AS INTERVENÇÕES
URBANAS EM ATENAS NA ÉPOCA DE AUGUSTO (1927-2012)**

**PROPAGANDA, RESISTANCE, PROPAGANDA...
AN ASSESSMENT OF THE STUDIES ON THE URBAN
INTERVENTIONS IN AUGUSTAN ATHENS (1927-2012)**

Fábio Augusto MORALES*

Resumo: O objetivo deste artigo é realizar um balanço dos estudos historiográficos e arqueológicos sobre as transformações do espaço urbano de Atenas durante o principado de Augusto (31 a.C. / 14 d.C.), escritos ao longo dos últimos 90 anos. Duas revoluções marcaram a trajetória do campo: a primeira, de ordem documental, foi gerada pelas escavações na ágora ateniense pela Escola Americana (a partir da década de 1930); a segunda, conceitual e metodológica, esteve vinculada à revisão crítica dos paradigmas eurocêtricos (a partir da década de 1990). O artigo termina com a proposição de possíveis novos enquadramentos para o debate da “romanização de Atenas”.

Palavras-chave: Atenas augustana – Espaço urbano – Império Romano – Historiografia.

Abstract: This paper aims to realize an assessment of the historical and archaeological studies on the urban interventions at Athens during the principate of Augustus (31 B.C. / 14 A.D.), written over the last ninety years. Two revolutions shaped these studies: first, a revolution generated by the excavations on the Athenian Agora by the American School (from the 1930's); second, a methodological revolution, linked to the critical revision of Eurocentric paradigms (from the 1990's). The paper ends with the suggestion of new framings to the 'romanization of Athens' debate.

Keywords: Augustan Athens – Urban space – Roman Empire – Historiography.

O período augustano (31 a.C. – 14 d.C.) não é, certamente, o mais celebrado da história ateniense: as glórias, as catástrofes e a extensa tradição literária do período clássico, associadas a uma série de escolhas políticas e intelectuais ao longo do período moderno, cristalizaram nomes como Péricles ou Platão no imaginário ocidental, ao mesmo tempo em que ofuscaram outros períodos e personagens, anteriores ou posteriores. No entanto, quando a ênfase dos pesquisadores vai dos textos para a materialidade da cidade dos atenienses, o período de Augusto ganha destaque: a dimensão e a complexidade das transformações urbanas neste período, especialmente na

* Mestre em História – Doutorando em História – Programa de Pós-graduação em História Social – USP – Universidade de São Paulo, CEP: 05508-080, São Paulo, SP – Brasil. Professor de História Antiga da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas. Membro do LEIR-MA/USP (Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo). E-mail: fabiomorales@usp.br

ágora de Atenas, incentivaram o desenvolvimento de uma importante bibliografia, cuja história de revoluções e inversões será analisada aqui.

O balanço destes estudos é um local privilegiado para se discutir os pressupostos e procedimentos da História Antiga e da Arqueologia Clássica, não apenas pela diversidade da documentação (literária, epigráfica, arqueológica), como também pelo lugar narrativo do próprio objeto: a história de Atenas na época de Augusto faz parte de qual História? Sendo História da Grécia, é tardia (diante da glória do passado clássico); sendo História do Império Romano, é marginal (diante da centralidade de Roma). Estes dois não-lugares, no tempo e no espaço, foram responsáveis por “desconfortos historiográficos” que explicam, em grande medida, o tom nostálgico que não raro dominou as interpretações. As explicações da “decadência” ou das “sobrevivências” da cultura ateniense, e mesmo a refutação desta lógica, exigiram dos pesquisadores manobras intelectuais que revelavam com particular clareza suas ideias sobre a cultura, a sociedade e as relações internacionais de seu tempo, particularmente em função das experiências imperialistas e do processo de globalização (ALCOCK, 1993, p. 1-6; 2002, p. 36-39; VLASSOPOULOS, 2007, p. 13-67).

Os estudos escolhidos para compor este balanço são aqueles que tomam o espaço urbano ateniense como objeto, e ao mesmo tempo procuram oferecer interpretações de conjunto para as intervenções da época augustana¹. Para maior clareza na exposição, a apresentação sumária das principais fontes documentais (especialmente as arqueológicas e epigráficas) será feita na medida em que foram incorporadas nas interpretações: buscamos com isso reproduzir algo da própria história destes estudos, cujo objeto ainda hoje se apresenta como um mosaico em constante reformulação. Dividimos a produção bibliográfica em três períodos: “princípios” (1920-1930), quando aparece o primeiro estudo sobre Atenas na época de Augusto, ainda anterior às escavações norte-americanas na ágora, mas que não obstante definirá as questões centrais e grande parte das repostas; “revoluções documentais” (1930-1990), quando os estudos passaram a absorver as espetaculares descobertas do *Agora Excavation Project*; e “revoluções metodológicas” (1990-2010), período no qual foram introduzidas novas abordagens e preocupações teóricas.

Princípios (1920-1930)

Até o início das escavações da Escola Americana, em 1931, a região da antiga ágora de Atenas ainda era ocupada por um bairro residencial (HAMILAKIS, 2013): o conhecimento sobre a região estava limitado a alguns poucos vestígios materiais e às abundantes fontes literárias – em particular para o período clássico. Por conta disso, a base do conhecimento arqueológico da cidade, vinha das escavações realizadas nas regiões onde as edificações eram mais evidentes e mais facilmente identificáveis. Este é o caso, claramente, para três intervenções da época de Augusto. Em primeiro lugar, o chamado *Templo de Roma e Augusto*, um edifício circular cujos vestígios se limitam a algumas colunas e capitéis jônicos, partes das fundações, do friso e da arquitrave; desta última, sobrou a inscrição dedicatória, que indica que se trata de uma dedicação do *demos* à deusa Roma e a “Augusto Salvador”; sua datação foi estabelecida como sendo certamente após 27 a. C. – pois Otávio é chamado de Augusto – mas não havia certeza quanto ao *terminus ante quem* (BALDASSARRI, 1998, p. 45-63). Em segundo lugar, ao norte da entrada da acrópole, está o *pedestal de Agrippa*, medindo cerca de 4 metros de altura, e que sustentava possivelmente uma quadriga; a inscrição dedicatória indica que o monumento foi dedicado pelo *demos* a Agrippa, genro de Augusto – Dinsmoor (1920) defenderá que se trata de um monumento anteriormente dedicado ao rei Eumenes II de Pérgamo, no início do século II a. C., e rededicado a Agrippa após 23 a. C. (BALDASSARRI, 1998, p. 247-250). Em terceiro lugar, na região ao norte da acrópole, estava localizada a *Ágora Romana*, uma grande praça murada e porticada de cerca de 10 mil m², dotada de duas entradas monumentais, uma das quais (oeste) continha uma inscrição dedicatória, que menciona a dedicação à deusa Atena Fundadora e o financiamento realizado primeiro por César e depois por Augusto (assim como os gestores atenienses), e uma base de estátua equestre de Lúcio César, neto e então sucessor de Augusto; uma data próxima a 10 a. C. foi sugerida. Entre as fontes epigráficas, uma inscrição particularmente rica para a questão urbana, IG II² 1035, fazia menção a um programa de restaurações em grande escala de santuários na Ática e nas ilhas, mas cuja datação augustana era (e ainda é) intensamente debatida (BALDASSARRI, 1998, p. 242-246; SCHMALZ, 2007-2008).

A escassez de fontes escritas do período augustano para Atenas, ao lado dos já mencionados “desconfortos” historiográficos, em grande medida explica o aparecimento tardio da primeira grande síntese: *Athènessous Auguste*, publicada em

1927 pelo estudioso belga Paul Graindor. Fortemente baseado nas fontes epigráficas, o autor procura preencher algumas das lacunas de uma história da Atenas augustana apenas baseada nas fontes literárias. No entanto, o autor não considerava ser possível escrever uma “História”: como escreve na Introdução, “este título seria muito ambicioso para um período cujo tempo poupou apenas raros escombros” (GRAINDOR, 1927, p. vi). Ainda assim, o enquadramento da obra dentro da tradição historiográfica totalizante das “histórias da civilização” – que englobavam economia, sociedade, política, literatura, artes, história factual etc – mantém o livro de Graindor como leitura obrigatória ainda hoje.

A justificativa da obra se dá dentro de uma tradição “ocidentalista”: no período de Augusto os atenienses teriam moldado o gosto e a mentalidade dos romanos, e por meio destes o gosto e a mentalidade dos renascentistas e o “nosso” (Graindor, 1927, p. vi e 246). Mas o que era essa Atenas responsável pela preservação da tradição clássica, sob Augusto? Se por um lado Atenas era uma cidade provincial, sem autonomia ou importância militar, por outro, era um centro cultural importante, cuja atração era a base para o “turismo intelectual” praticado por romanos como Cícero e Antônio. Esta dicotomia submissão/admiração explicava as flutuações da moralidade ateniense – da bajulação dos potentados romanos à revolta contra a dominação. Além disso, Atenas era dominada por uma oligarquia intimamente ligada ao poder imperial, consolidada no contexto da reconstrução da cidade após as longas guerras civis romanas. E por fim, a cidade é dominada por um “espírito arcaizante”, que, inclusive, estruturaria as intervenções augustanas (como o dórico do propileu da Ágora Romana inspirado nos propileus da acrópole, ou o jônico do templo de Roma e Augusto inspirado no Erechtheion, por exemplo) e outras manifestações culturais, como o tipo de letras nos preâmbulos de determinados decretos, as cópias das esculturas clássicas na tradição chamada de “neo-ática” – infelizmente, a ideia de um “arcaísmo como projeto” não é trabalhada com profundidade pelo autor – ela aparece cá e lá, ao sabor das análises particulares. Cidade provincial, centro cultural, oligarquia, arcaísmo: eis o paradigma que, mesmo após as subsequentes revoluções documentais e metodológicas, é ainda a principal chave de leitura da Atenas augustana.

Revolução documental (1930-1990)

O livro de Graindor foi publicado quatro anos antes do início das escavações que transformariam radicalmente o conhecimento sobre Atenas, especialmente para o período augustano. A região da ágora antiga já havia sido objeto de escavações anteriores, como as dirigidas por W. Dörpfeld, pesquisador do Instituto Arqueológico Alemão, ou as realizadas pelos arqueólogos gregos quando da construção do trem urbano, em 1890/1891 (DÖRPFELD, 1937; THOMPSON; WYCHERLEY, 1972, p. 220-224); no entanto, a topografia do antigo centro da cidade era ainda quase exclusivamente baseada nas descrições de Pausânias. A partir da década de 1920, com as pressões geradas pela valorização do solo no centro de Atenas no pós-Primeira Guerra, as instituições arqueológicas gregas buscaram soluções para a aquisição definitiva da área. Em 1924, com a recusa do Parlamento Grego a uma proposta para a compra da área pelo governo, institutos estrangeiros são procurados – a até então pouco expressiva (em comparação com as equivalentes francesa e alemã) *American School of Classical Studies at Athens*, com apoio do *International Education Board*, financiado por R. Rockefeller, adquire o terreno em 1929 (MERITT, 1947, p. 200-205; HAMILAKIS, 2013).

Em 1931 tem início o *Agora Excavation Project*. Já nos primeiros anos de escavações foram descobertos depósitos que iam do neolítico ao período medieval; entretanto, os edifícios e monumentos datados do período augustano talvez tenha sido as mais surpreendentes. Em primeiro lugar, o *Agrippeion* ou *Odeion de Agripa*: um grande teatro coberto, com 2 mil metros quadrados, cujo auditório tinha capacidade para cerca de 1000 espectadores, com dois andares circundantes; Filóstrato menciona o uso como espaço para apresentações musicais e retóricas (THOMPSON, 1950; BALDASSARRI, 1998, p. 115-141). Ainda na década de 30, é descoberto o *Templo de Ares*, um templo dórico hexastilo, cujos vestígios apresentam marcas dos construtores em quase todos os blocos, argumento central para a interpretação segundo a qual o templo foi “transplantado” de uma área rural para a ágora na época augustana (MCALLISTER, 1959; BALDASSARRI, 1998, p. 153-172; LIPOLLIS, 2001, p. 178-205). Em terceiro lugar, foi descoberta a construção de duas salas ao fundo da stoa de Zeus no lado oeste da ágora, datada por meio da cerâmica da época augustana, e cujo esquema foi reconstituído como um grupo anexo à stoa; fragmentos de uma base de estátuas, com marcas dos pés e parte da inscrição, levaram os arqueólogos a interpretarem o anexo como uma adaptação da *stoa* ao culto imperial (THOMPSON, 1966; BALDASSARRI, 1998, p. 142-152).

A primeira síntese sobre a história da Atenas romana a incorporar os achados recentes foi, não obstante, feita por um pesquisador sem ligação com a Escola Americana: trata-se do livro *AneconomichistoryofAthensunder Roman domination*, de J. Day, publicado em 1942. Fortemente influenciado pelas ideias de M. Rostovzeff – o qual, de acordo com o prefácio, sugeriu o projeto de um volume sobre a Grécia romana para a grande síntese do historiador russo, limitado então para Atenas – o autor propõe, no capítulo “From Sulla to the death of Augustus”, uma periodização para a história econômica da cidade no século I a. C., na qual o período de Augusto é marcado por uma retomada da prosperidade após ciclos de crescimento e recessão. É neste contexto que o autor incorpora os achados das recentes escavações na ágora: a intensa atividade construtiva visível do *Agrippeion* e na *Ágora Romana*, assim como a transposição dos “templos itinerantes”, mesmo que não financiada pelo estado ateniense, tinham um efeito estimulante na economia da cidade; a natureza comercial da *Ágora Romana* é um exemplo claro de uma “muito definida necessidade de comércio e negócios em Atenas” (DAY, 1942, p. 153). Com isso, J. Day incorporaria à tradição uma interpretação economicista (ou comercialista) que se manteria marginal nos estudos posteriores, sendo retomada apenas no final da década de 1990, já num novo contexto acadêmico (BURDEN, 1999, p. 222).

Na conclusão do capítulo, J. Day menciona as oportunidades oriundas do “capital cultural” ateniense (DAY, 1942, p. 175), e com isso aborda, citando Graindor, o problema do “arcaísmo”. Para o autor, boa parte do bem-estar da cidade repousava na atração exercida sobre estudantes, turistas e patronos ricos. Esta atração era estimulada por um “arcaísmo consciente”, visível na cunhagem, na arte, na arquitetura e nas inscrições, o que fazia com que “nem os próprios atenienses nem os visitantes estrangeiros pudessem perder de vista a herança cultural da cidade” (DAY, 1942, p. 176). Aqui era esboçada a ideia do arcaísmo não como fato natural da “decadência da polis”, mas como projeto, o que seria uma das bases da renovação da década de 1990.

A continuidade das escavações e as publicações, parciais ou completas, das escavações de diversos sítios estabeleceram com maior segurança os conhecimentos sobre os diversos vestígios (edifícios, moedas, inscrições, vasos etc.); mas seria necessário esperar até 1972 para o aparecimento da grande síntese das escavações da Escola Americana. Escrita por H. Thompon e R. Wycherley, *The Agora of Athens: The History, Shape and Uses of an Ancient City Center*, é o décimo quarto volume do importante projeto editorial *The Athenian Agora* (daí ser conhecida como “Agora

XIV”). A obra é estruturada, em essência, pelos tipos de edifícios e monumentos escavados (administração pública, stoas, edifícios culturais, santuários etc.); discussões históricas mais profundas estão espalhadas nas discussões de intervenções particulares, enquanto que sínteses históricas são muito brevemente apresentadas nos capítulos I, II e X. Uma visão geral sobre as intervenções augustanas, por exemplo, é apresentada em apenas um parágrafo do capítulo II (THOMPSON; WYCHERLEY, 1972, p. 23); não obstante, é a primeira leitura propriamente espacial do programa, por isso vale a pena ser retomada.

Segundo os autores, enquanto a construção da Ágora Romana trouxe um novo espaço para o “mercado” ateniense, a antiga ágora rompeu sua longa tradição de um espaço central aberto, por conta da construção do *Agrippeion* e da transposição dos templos itinerantes (o templo de Ares e o templo Sudeste, principalmente; sua transposição é explicada tanto pelo abandono do culto nos locais originais, quanto pelo projeto de embelezamento da ágora). A interpretação é a seguinte: o aspecto de “forum romano” da ágora ateniense pode ser atribuído ao “patronato da família imperial, para quem os atenienses demonstravam sua gratidão e homenagem pela instalação de cultos apropriados, com numerosos altares e estátuas” (THOMPSON; WYCHERLEY, 1972, p. 23).

Ainda que a interpretação não apresente grandes novidades (Graindor já discutia o evergetismo/patronato imperial), Thompson e Wycherley apontam a centralidade de um processo propriamente espacial na produção da cidade: a extensão e o preenchimento da ágora. Se na época da publicação do livro de Graindor a ágora ainda estava ocupada por casas, e se para a discussão econômica de J. Day este não era um dado relevante, as questões derivadas da ocupação do centro da ágora orientarão diversas pesquisas e as mais diferentes interpretações. Qual o significado, quais foram os agentes, como era percebido o fim do espaço livre de construções no centro da ágora? Como isso se relaciona com as outras construções em Atenas na época de Augusto? O que é a Atenas augustana?

A primeira tentativa de resposta a estas questões aparecerá dez anos depois da publicação da síntese de Thompson e Wycherley, escrita por T. Leslie Shear Jr, então diretor de escavação do *Agora Project*. “Athens: From City-State to Provincial Town” (1981) apresenta uma leitura das transformações urbanas da Atenas romana a partir de uma matriz política – a nova formatação da ágora ateniense é ao mesmo tempo símbolo e resultado do fim de Atenas como “cidade-estado” para tornar-se uma cidade

provincial, conquistada. O *Agrippeion*, edifício sem precedentes em Atenas (filiado aos teatros cobertos italianos) era um “monumento para uma cidade onde sofistas e filósofos substituíram os generais e os oradores como os mais notáveis cidadãos” (SHEAR JR., 1981, p. 361); os templos itinerantes, o templo de Roma e Augusto na acrópole e o anexo à *stoa* de Zeus *Eleutherios* são interpretados como marcas do culto imperial na cidade, forma de manifestação da lealdade das elites locais para com o imperador, assim como instrumento de romanização (SHEAR JR., 1981, p. 362-3); e finalmente, o preenchimento da ágora sintetiza a nova situação política de Atenas, na medida em que “uma cidade conquistada tem pouca necessidade de assembleias democráticas [na ágora] e um cidadão-súdito tem pouca voz na determinação de seu destino” (p. 361). Identificando “política” a autonomia militar e democracia, Shear Jr. escreveria um dos melhores exemplos do paradigma da “decadência da polis”, radicalmente criticado nas décadas posteriores (HANSEN, 1995; DMITRIEV, 2005, p. 289-328).

T. Leslie Shear Jr., como diretor de escavações da ágora ateniense entre 1968 e 1994, foi responsável pela incorporação de mais quatro intervenções urbanas na ágora ateniense datadas do período augustano, que serão publicadas ao longo da década de 1980. São elas: as duas *stoas* *Noroeste*, que bordejam parte da via panatenaica entre o *Dipylon* e a entrada da ágora, construídas com material reutilizado de um arsenal helenístico destruído na invasão de Sula em 86 a. C. (SHEAR JR, 1973; SCHMALZ, 1994, p. 70-73); a *Stoa Nordeste*, que limita a ágora no canto nordeste, construída com mármore não-atenienses (BALDASSARRI, 1998, p. 198-201); e o templo *Noroeste*, construído “em pódio”, localizado a oeste da *stoa* *Poikile*, alternativamente identificado, a partir de diferentes leituras do relato de Pausânias, como o templo de Afrodite Urânia ou de Hermes² (BALDASSARRI, 1998, p. 180-197).

Revoluções metodológicas (1990-2010)

As ciências humanas, nas décadas de 80 e 90, passaram por profundas transformações que as afetaram em diversos níveis, reformulando tanto seus procedimentos metodológicos quanto a eleição de seus objetos de pesquisa. Os estudos sobre as intervenções urbanas da época de Augusto em Atenas não ficariam ilesos: a partir seja da História Antiga ou da Arqueologia Clássica, em seus diferentes enquadramentos nacionais, tais estudos discutirão questões derivadas de movimentos

como o *cultural turn*, o pós-processualismo, os estudos pós-coloniais, os estudos de gênero, a nova história política, entre outros (SHANKS, 1996; NORTH, 2009; GUARINELLO, 2010, p. 117-118) – daí a quase onipresença de termos como “semântica do espaço”, “imagem urbana”, “história cultural da arquitetura”, “ideologia/propaganda imperial” e “resistência cultural”, como veremos.

Dentre as grandes questões que atravessaram os estudos neste período, vale destacar a importante mutação no estudo das culturas provinciais no Império Romano, fortemente vinculada à experiência histórica da descolonização na África e Ásia. Até a década de 80, a historiografia construiu uma imagem oposta na relação das províncias ocidentais e orientais com a cultura romana. Por um lado, as províncias ocidentais, com a dominação política e militar, haviam se submetido também culturalmente, ou seja, foram *romanizadas* (MOMMSEN, 1885; HAVERFIELD, 1912; JULLIEN, 1908-1926). Por outro lado, as províncias orientais, em particular as de cultura grega, resistiram à dominação, e, mais que isso, helenizaram os romanos (FINLAY, 1844; MAHAFFY, 1890; HAHN, 1906). Nas décadas de 80 e 90, ocorre uma importante inversão: para o caso das províncias ocidentais, o conceito de romanização é limitado para segmentos da população e/ou ocasiões sociais específicas, dando lugar ao aparecimento de estudos sobre as resistências, hibridismos e multiculturalidades e “auto-romanizações” (WHITE, 1973; MILLET, 1990; WOOLF, 1998; MATTINGLY, 1997; HINGLEY, 2000 e 2005; KEAY e TERRENATO, 2001; LE ROUX, 2004; PINTO, 2003; BUSTAMANTE, 2006; SILVA, 2011); no caso das províncias orientais, e isso fortemente influenciado pelos estudos sobre Atenas no período de Augusto, a suposta “resistência cultural” dá lugar a um uso cada vez mais amplo da romanização, acompanhada ou não de cautelosas aspás. Neste novo quadro, a “resistência cultural grega” ou seria bastante limitada, ou estaria vinculada às expectativas romanas em relação à Grécia: se para alguns os romanos haviam permitido aos gregos a manutenção de aspectos de sua cultura (WOOLF, 1994), para outros os gregos foram re-helenizados pela ideia romana de helenidade (SPAWFORTH, 2012).

Neste quadro se articula o debate “propaganda x resistência” na interpretação das intervenções urbanas em Atenas na época de Augusto. A centralidade deste debate explica a preocupação constante com a atribuição de cada intervenção: definir financiou, projetou e/ou construiu cada intervenção é fundamental para a escolha de posição do debate. E é justamente a partir da escassez de informações seguras para a resposta desta questão que os estudiosos lançam mão de importantes inovações

metodológicas, ainda que de abrangências diferentes, que vão desde a incorporação de repertório documental à crítica e renovação conceitual.

Um estudo pioneiro deste novo momento é o curto artigo de P. Gros, *Nouveau paysage urbain et cultes dynastiques*, fruto de um colóquio realizado em 1985, mas que seria publicado somente em 1991. Ainda que as teses do autor estejam em consonância com o paradigma da “decadência da polis” – o sentido do programa augustano, para Gros, é a transformação da “velha praça comercial e administrativa em um verdadeiro santuário da família imperial” (GROS, 1991, p. 131) –, duas novidades de método são apresentadas. A primeira é a proposição de uma “semântica” do espaço urbano, pela qual o aspecto simbólico dos edifícios passa a ser essencial para a construção dos significados dos espaços: por exemplo, o *Agrippaeion* é, por sua semelhança com o edifício do Conselho (auditório semicircular em edifício retangular), é um símbolo do fim da liberdade política, por sua função, um tributo à tradição cultural ateniense, por sua decoração (segundo Pausânias, estátuas de monarcas ptolomaicos), monumento da vitória de Augusto sobre Antônio, e por seu alinhamento com o templo de Ares, reforço da propaganda dinástica (devido às associações de Augusto e Caio César com Mars Ultor em Roma). A segunda é o uso do método comparativo dos esquemas urbanísticos de cidades do Império que também sofreram intervenções na época augustana: Gros compara Atenas a uma cidade do oriente (Thasos) e duas do ocidente (Nîmes e Arles), demonstrando que as intervenções nas cidades no oriente ao mesmo tempo respeitavam a tradição e a transformavam, cooptando o contexto monumental, dominando os alinhamentos e alterando as hierarquias.

Junto do texto de P. Gros, um dos textos fundadores desta nova fase é o artigo de Mario Torelli, intitulado *L'immagine dell'ideologia augusteana nell'agorà di Atene*, publicado em 1995 na revista *Ostraka*, mas originalmente apresentado em jornada de estudos realizada em Cortona dois anos antes. Uma importante inovação de Torelli é começar a análise no período helenístico, para compreender a lógica do espaço recebido pelos construtores da época de Augusto. A partir do início do século II a. C., a ágora ateniense seria equipada com um ginásio ao sul, uma luxuosa stoa ao leste e por edifícios reformulados no lado oeste, intimamente relacionados ao evergetismo dos reis de Pérgamo, que com alterações radicais no espaço da ágora, a adaptariam à maneira helenística de ágoras inteiras ou parcialmente porticadas. As intervenções helenísticas teriam forte influência no programa augustano, especialmente nas intervenções associadas a Agripa. Torelli divide a ágora da época de Augusto em duas regiões: a

noroeste, apropriada por Augusto (anexo à stoa de Zeus, do período clássico, e o *Templo Noroeste*, identificado como dedicado a Hermes, na região tradicionalmente associada a Roma), e sudoeste, apropriada por Agripa (Agrippeion como anexo ao ginásio helenístico, *Templo Sudoeste*³ como atribuído a Netuno/Agripa); enquanto o primeiro respeitaria as tradições urbanísticas locais, articulando suas intervenções aos edifícios já existentes, o segundo se comportaria como um monarca helenístico, alterando radicalmente a lógica do espaço. De qualquer maneira, a perspectiva ainda estava estruturada pela lógica da propaganda imperial.

Uma perspectiva diferente é proposta pela dissertação de G. Schmalz, *Public building and civic identity in Augustan and Julio-Claudian Athens* (1995), o primeiro estudo maior que um artigo dedicado quase exclusivamente ao período de Augusto após o livro de Graindor de 1927. Caracterizada pelo autor como uma “história cultural e arquitetural da atividade construtiva” (SCHMALZ, 1995, p. 1), a dissertação insere as transformações urbanas de Atenas dentro das relações entre o poder imperial e a elite local, estruturadas pelo evergetismo. O modelo é o seguinte: cidades e indivíduos buscavam honra e prestígio, criando um ambiente extremamente competitivo; no período pós-31 a. C., o prestígio das cidades era obtido pela valorização do passado cultural; o prestígio dos indivíduos era obtido pelas honras concedidas pelas cidades, dadas em troca de doações; estas doações assumiam a forma de edificações e monumentos, associados à tradição da cidade e reforçando, assim, seu prestígio cultural. Nesta perspectiva, Schmalz compreende a valorização do passado “não simplesmente como uma fuga para uma ‘fantasia nostálgica’, mas como um importante recurso local que poderia ser manipulado e convertido em prestígio cultural valioso” (SCHMALZ, 1995, p. 2).

Dos quatro capítulos da dissertação, os três primeiros tratam do período de Augusto. O primeiro trata do “período formativo” das relações entre Augusto e Atenas: das incertezas após 31 a. C. à construção do templo de Roma e Augusto entre 20 e 19 a. C., interpretado como comemoração da “vitória diplomática” de Augusto sobre os partas, indício, portanto, da adesão irrestrita de segmentos da elite ao projeto augustano. Os dois capítulos seguintes tratam do período posterior a estes “anos formativos”, e se dividem tematicamente: o capítulo 2 trata principalmente das restaurações de edifícios cívicos e santuários, o capítulo 3 das novas construções associadas à família imperial. O autor vê nos vários projetos de restauração lógicas diferentes (comemoração das vitórias sobre os persas, culto imperial, ornamentação da via panatenaica), enquanto que nas

construções novas a tônica é, mais do que o culto imperial, o culto dinástico, por meio das figuras de Agripa e seus filhos (Caio e Lúcio César), netos de Augusto tornados herdeiros após a adoção imperial.

Das principais novidades apresentadas pela dissertação de Schmalz, destacamos o amplo uso da comparação de edificações atenienses com edificações semelhantes em outras cidades (ainda que não tenha feito comparações entre esquemas urbanos como um todo), as associações de diferentes contextos para resolver problemas específicos (como a associação do templo de Roma e Augusto com a “vitória” parta) e uma primeira explicitação do quadro conceitual básico para análise do objeto (evergetismo e ideologia imperial). Outra novidade importante, ainda que de outra ordem, é a realização de um pequeno catálogo de todas as edificações e monumentos do período analisado, seguido de uma coletânea das principais inscrições.

Em 1997, é publicada a coletânea *The Romanization of Athens*, organizada por M. Hoff e S. Rotroff. Dividida em cinco seções (“introdução”, “história e prosopografia”, “arquitetura e escultura”, “cerâmica e cunhagem” e “literatura e culto”), a coletânea reúne textos apresentados em conferência realizada na Universidade de Nebraska, nos Estados Unidos, 1996. Dos 13 capítulos, apenas um se dedica ao tema do programa construtivo augustano: trata-se do texto de Susan Walker “Athens under Augustus”. Apesar de sucinto (13 páginas, incluídas figuras e notas), este texto desenvolve a comparação dos esquemas urbanísticos (método já utilizado por P Gros) das ágoras de Atenas, Cirene e Éfeso. O pressuposto da comparação é a idéia de que a passagem da república para a monarquia em Roma foi uma experiência universalmente sentida no mundo romano (WALKER, 1997, p. 68), o que produziram fenômenos urbanos comparáveis. Desta comparação, S. Walker consegue identificar as linhas gerais dos programas construtivos nestas três cidades no período augustano, tendo elementos mais concretos para pensar a especificidade ateniense. Nas três cidades são observáveis o reforço do aspecto religioso das ágoras associados ao culto imperial (eventualmente preenchendo o espaço central), a conservação e/ou realocação de monumentos ligados à origem da cidade, o registro proeminente dos benfeitores, a construção de áreas porticadas a alguma distância da ágora (e sem ligação arquitetônica), com entradas monumentais. Deste quadro, Atenas apresenta duas especificidades: seus “homens proeminentes” são atenienses sem cidadania romana, e somente em Atenas ocorre a transposição de templos e monumentos de outros locais para a ágora. Se para a primeira especificidade a autora não avança hipóteses, para a segunda uma interessante solução é

sugerida. Para Walker, a transposição de templos, como o de Ares, por exemplo, deve ser compreendida dentro das transformações urbanas ligadas à propaganda moral de Augusto, e perceptíveis também em Roma: se na capital imperial Augusto preenche o centro de Roma com obras de arte gregas (imbuídas com forte carga moral), em Atenas esta “propaganda moral” poderia ser realizada não apenas com as estátuas, mas também com edifícios inteiros que conteriam estas obras. Aparece a tese da musealização: “a razão para criar [...] um museu sagrado de arte e arquitetura religiosa em Atenas pode ser vista no papel exercido pela pólis clássica na propaganda moral augustana” (WLAKER, 1997, p. 72). A visão de Atenas como um “museu”, e ainda associado à “propaganda moral” de Augusto é aqui enunciada em apenas um parágrafo, que teria uma forte influência nos estudos realizados na década de 2000.

Em 1998 aparece o livro que se tornaria referência básica para os estudos posteriores sobre a Atenas augustana: *Sebastoi Soteri: edilizia monumentale ad Atene durante Il saeculum augustum*, de Paola Baldassarri. Fruto de uma tese de doutorado defendida em 1994 (mesmo ano de defesa da não-publicada dissertação de Schmalz), o livro de P. Baldassarri está centrado no extenso catálogo das “intervenções monumentais” augustanas (mais de 200 páginas), composto por detalhadas análises arqueológicas, arquitetônicas e epigráficas e extensos levantamento bibliográficos de cada uma das 18 intervenções catalogadas; uma introdução histórica e uma conclusão interpretativa completam a obra.

Uma importante inovação de Baldassarri é refinar a periodização das intervenções, propondo quatro momentos. O primeiro (21-19 a. C.) é marcado, por um lado, pela associação de Augusto com a tradição anti-oriental ateniense, na construção do templo de Roma e Augusto e na reforma do *Erechtheion*, e por outro lado, pelo início do culto imperial, ligado ao financiamento da Ágora Romana e ao projeto de término da construção do *Olympieion* pelos “reis amigos” de Augusto (mencionado por Suetônio, *Vida de Augusto*, 60). O segundo (por volta de 16/5 a. C.) é marcado pela ação de Agripa e a formação do culto dinástico, visível na construção do *Agrippeion* e do anexo à stoa de Zeus, dedicados a Augusto e seus netos, filhos de Agripa. O terceiro (por volta de 2 a.C.) é o do reforço do culto dinástico com a presença de Caio César, herdeiro de Augusto, visível na transposição do templo de Ares e na associação Ares-Caio César. O quarto (pouco antes de 14 d.C.) tem a última intervenção religiosa augustana, com a construção do templo de Hermes ao lado da stoa *Poikile* (v. nota 5), deus este também associado a Augusto. Quanto à interpretação geral, apesar de em

algumas passagens enfatizar as referências locais e/ou mediterrânicas dos arquitetos e pedreiros envolvidos nas construções, a autora funda sua interpretação na periodização da propaganda augustana, reforçando a visão romanocêntrica.

Uma alternativa consistente é apresentada na dissertação *Athens remade in the age of Augustus: a study of the architects and craftsmen at work*, de Jeffrey Burden, defendida em 1999 na University of California-Berkeley. A dissertação de Burden busca “a visão do arquiteto”, dentro de uma proposta de reconstrução dos projetos arquitetônicos (BURDEN, 1999, p. 3); com uma introdução metodológica, um capítulo sobre o contexto urbano pré-Augusto de Atenas, três capítulos divididos por região (acrópole, ágora, ágora romana), um capítulo interpretativo, a obra ainda inclui um catálogo ricamente ilustrado dos 14 “vestígios arquitetônicos” analisados.

A alternativa de Burden ao romanocentrismo parte da ideia de que a ação construtiva no centro urbano ateniense diz sim respeito à propaganda augustana, mas não somente: é possível observar dois projetos contraditórios. De um lado, a propaganda religiosa augustana, estruturada pelo arcaísmo e reforço das tradições cívicas, cujas principais manifestações são a proibição da venda da cidadania ateniense e o embelezamento do trajeto percorrido pela procissão das Grandes Panatenéias⁴. De outro lado, as demandas práticas de uma burguesia comercial ateniense que, mais do que a restauração/transposição de edifícios veneráveis, buscava a construção de uma nova ágora. Com isso, Burden interpreta o “prodígio” da estátua de Atena cuspiendo sangue na direção de Roma como uma manifestação deste conflito⁵, tendo sido apaziguado com a construção da Ágora Romana por Augusto.

Com a publicação deste conjunto de obras na década de 90, a pesquisa sobre a Atenas augustana disporia de uma imensa quantidade de material organizado e analisado (especialmente nas obras de Baldassarri e Burden): as interpretações de conjunto dominariam os novos estudos, deixando a discussão minuciosa das fontes para um segundo plano. Neste contexto, se consolida a oposição, já indicada com maior ou menor ênfase, entre uma abordagem romanocêntrica, que explica a ação construtiva em Atenas quase que exclusivamente em função das transformações em Roma, e uma abordagem policêntrica, que busca integrar as intervenções romanas nas tradições e projetos locais e/ou mediterrânicos. Os estudos mais recentes tendem a se aproximar mais de um ou de outra perspectiva.

Após seu estudo seminal sobre as “paisagens” da Grécia Romana (ALCOCK, 1993), no qual a Grécia emergia como uma província comum e sem resistência ao poder

romano (especialmente no âmbito da produção agrícola e dos assentamentos rurais e urbanos), S. Alcock passa a abordar o tema da resistência cultural dos gregos, base da imagem da Grécia como uma província singular e até culturalmente dominante no império⁶. O elemento central, para a autora, é a relação de romanos e gregos com o passado da Grécia: daí o papel estruturador da memória em *Archaeologies of the Greek Past: landscapes, monuments, and memories*, publicado em 2002. Neste livro, o espaço urbano ateniense é apenas um entre diversos exemplos, mas a nova orientação da análise tem grande destaque. Para Alcock, a interpretação do conjunto das novas construções, das reformas e das transposições na ágora de Atenas no período de Augusto não pode ser limitada à propaganda imperial: diferentes atores sociais, tanto romanos quanto gregos, construiriam diferentes relações com o espaço; se por um lado as intervenções poderiam significar a total dominação romana, por outro poderiam se tratar de referências à tradição local ateniense, como no caso dos templos transpostos.

S. Alcock não propõe uma interpretação de conjunto para o espaço urbano ateniense pelo simples motivo de que, em seu livro, o argumento central é justamente que não há “uma” interpretação, mas múltiplas, em função das diferentes experiências dos sujeitos históricos. O grande obstáculo para esta abordagem, que mantém seu caráter ainda demasiadamente propositivo, é a raridade de fontes que apresentem estas múltiplas leituras. De qualquer modo, já se tem com o estudo de Alcock um grande passo no sentido de uma história social das relações da cidade com o passado por meio do espaço construído, para além das intenções dos projetistas.

Em 2008 é publicada coletânea *Athens during the Roman Period*, organizada por Stavros Vlizos, primeira obra sobre Atenas romana predominantemente formada por textos escritos em grego e por autores gregos. Com quase 30 capítulos dedicados à arquitetura, escultura, numismática e cerâmica, apenas dois têm como objeto a produção do espaço na Atenas augustana; ambos reforçam a tendência de crítica da “iniciativa imperial” no conjunto das intervenções urbanas em Atenas, procurando ressaltar a presença e participação de agentes e tradições locais em determinados aspectos das intervenções.

O primeiro, *Tradition and romanization in the monumental landscape of Athens*, de Theodosia Stefanidou-Tiveriou, reforça o papel das tradições locais na composição da paisagem da Atenas augustana. Após um breve levantamento da presença visual de Roma na paisagem urbana ateniense desde o século II a. C., Stefanidou-Tiveriou distingue duas categorias de intervenções: o respeito às tradições urbanísticas e

arquitetônicas locais é indício de que se trata de planejamento local (com ou sem financiamento imperial), sendo o caso da Ágora Romana, dos anexos à stoa de Zeus, do templo de Roma e Augusto e dos reparos no *Erechtheion*, nos edifícios públicos da ágora e do *Asklepeion* na acrópole, e da construção das stoas bordeando a via panatenaica; quando não há este respeito, se tratam de projetos externos, imperiais, como no caso do *Agrippeion* e da transposição do templo de Ares.

Ainda que este critério seja interessante, ele não é decisivo: como os estudos enfatizaram grandemente, o arcaísmo era parte fundamental da propaganda augustana, e por consequência o respeito às tradições locais pode ser integrado às intervenções imperiais; o argumento antirromanização das “múltiplas leituras” de S. Alcock poderia ser usado contra o localismo. Por outro lado, o texto de Stefanidou-Tiveriou traz duas importantes inovações: em primeiro lugar, uma recuperação das intervenções romanas pré-Augusto na paisagem urbana, adicionando mais uma camada na análise; em segundo, a crítica de interpretações desnecessariamente romanizantes do estilo arquitetônico de alguns edifícios, como no caso da Ágora Romana, inserida na tradição helenística de ágoras fechadas.

O segundo, *Athen in der frühen Kaiserzeit – ein Werkdes Kaisers Augustus?*, de Ortwin Dally, discute o problema da iniciativa imperial da reestruturação global: a partir das evidências literárias, epigráficas e arqueológicas, não há fundamento para a defesa desta tese. Dois exemplos são eloquentes: no caso do templo de Roma e Augusto na acrópole, o nome de Augusto não aparece no nominativo – pelo contrário, o sujeito da dedicação é o *demos*, e são mencionados na inscrição os nomes de magistrados locais; no caso da Ágora Romana, a quantidade e disposição das métopas do propileu fazem uma paráfrase dos propileus da acrópole, indicando assim a presença da tradição arquitetural local. A indeterminação nas fontes quanto ao problema da iniciativa leva o pesquisador alemão a propor um modelo que integre a influência imperial e a ação decisiva das elites locais no desenvolvimento da cidade

Perspectivas atuais (2010-)

As idas e vindas da romanização de Atenas ao longo das últimas décadas, oscilando dos indícios de resistência e até conflito das tradições e/ou agentes locais com a imposição romana, fortaleceu a ideia de que uma das chaves de compreensão das intervenções augustanas é a ideia de colaboração entre elites locais e casa imperial. No

entanto, isto não resolve todos os problemas: colaborar em quê, como, com quais objetivos, e desde quando? Fundamental para estas questões é contextualizar as intervenções de época augustana no conjunto das intervenções romanas em Atenas, o que fará com que os pesquisadores reforcem o movimento de retorno à história urbana atenienses dos séculos II e I a. C. Este retorno tem acrescentado novas dimensões na análise, e as consequências deste adensamento para a imagem geral da cidade são particularmente interessantes, em particular para o problema da romanização, como veremos a seguir.

Em 2010 é publicada a coletânea *Die Akropolis Von Athen im Hellenismus und in der römischen Kaiserzeit*, organizada por R. Krumeich e Chr. Witschel. Apesar do livro se concentrar na acrópole, dois capítulos procuram analisar as intervenções romanas como um todo, e refinam o método já indicado no texto de Stefanidou-Tiveriou de retomar a história das intervenções romanas pré-augustanas em Atenas.

No texto *Von Lucius Aemilius Paullus zu Augustus – Stiftungen Von Römern in Athen*, Caroline Rödel desenvolve a proposta já presente no texto de Stefanidou-Tiveriou (2008) de retornar às intervenções romanas pré-augustanas em Atenas, mas procurando compreender a relação entre a posição dos “benfeitores” no sistema e nas circunstâncias políticas romanas e o modo como as intervenções se estruturam. Assim, partindo da discussão do significado político da plataforma romana na ágora de Atenas (final do século II a.C.?) até as intervenções augustanas, a autora propõe uma periodização das intervenções urbanas romanas em três momentos: no século II a.C., os magistrados estavam submetidos ao Senado, e agiam conforme suas determinações, fazendo com que as doações a Atenas estivessem em segundo plano; ao longo do século I a.C., o poder extraordinário concedido pelo Senado e pelo povo aos generais gerou a competição, simultaneamente, pelo poder em Roma e pelo maior número de clientes, o que motivou a prática do evergetismo romano às cidades gregas, como Atenas; após a vitória de Augusto em 31 a.C., o fim da competição entre generais alterou as formas de evergetismo, que passariam a estar associadas ou à família imperial, ou às elites locais, às quais, em virtude da *pax Augusta*, se motivariam a participar do desenvolvimento da cidade. O quadro geral da interpretação é, pois, a passagem da república para o principado, e o modo como esta passagem se manifesta no espaço urbano ateniense.

Em *Tanta vis admonitionis inest in locis – Zur Veränderung von Erinnerungsräumen im Athen des 1. Jahrhunderts v. Chr.*, Elena Mango faz um movimento semelhante ao de C. Rödel, mas com uma preocupação específica: analisar

o papel dos “espaços de memória” na relação entre romanos e atenienses. Fundamental na noção de “espaço de memória” é a consideração do uso dos espaços, para além da discussão limita às intencionalidades do projeto; além disso, e retomando a proposta de P. Graindor e P. Gros, E. Mango incorpora na análise as estátuas e sua inserção espacial. O argumento básico da autora é que, apesar de alguns importantes descompassos no século I a. C., no período augustano ocorre uma fusão entre as expectativas romanas e os interesses da elite e do povo: as intervenções se integram nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais locais. Exemplos são a Ágora Romana e o Odeion de Agripa: se a primeira une a propaganda imperial às atividades econômicas populares, a segunda o faz simultaneamente como espaço para atividades artísticas e (possivelmente) de representação das elites locais (Odeion de Agrippa).

As duas autoras, portanto, enfatizam a colaboração entre elites locais e a casa imperial, buscando ver, no caso de C. Rödel, as transformações nas relações entre romanos e atenienses do ponto de vista de Roma (passagem da República ao Principado) e, no caso de E. Mango, as acomodações das intervenções romanas nas estruturas locais do ponto de vista das tradições atenienses (a produção e uso dos lugares de memória).

O retorno ao século II a. C. é também a estratégia metodológica de um pequeno e rico texto publicado em 2012, intitulado *Métamorphoses de l'agora d'Athènes à l'époque augustéenne*, de Patrick Marchetti (2012). O autor belga, cujos *insights* topográficos, associações mítico-históricas e a ênfase na ágora o colocam na mesma seara do texto de M. Torelli (1995), apresenta novas articulações das intervenções da época augustana com as tradições espaciais locais, em particular aquelas criadas no período helenístico: a continuidade pelo aproveitamento imperial do prestígio dos espaços é a chave de leitura. Para isso, o autor reabre a questão das intervenções atálicas e ptolomaicas na ágora, em particular a stoa de Átalo II, construída por volta de 150 a.C. (KOHL, 2001), e a chamada “Praça Sul”, construída a partir de 183 a. C. (GRACE, 1985, p. 24-25), identificada pelo autor como o ginásio de Ptolomeu mencionado por Pausânias e diversas outras fontes⁷. A continuidade, no caso da stoa de Átalo II, é marcada pela posição da plataforma romana exatamente diante da stoa, tornando-a uma “stoa dos romanos” (MARCHETTI, 2012, p. 218); no caso do ginásio de Ptolomeu (“Praça Sul”), a continuidade se dá pela construção do Agrippeion como um anexo do ginásio, uma “extensão monumental do ginásio real” (MARCHETTI, 2012, p. 220). Em síntese, a tese central do autor é que Atenas se torna “uma vitrine do poder imperial”,

que, ao invés de alterar ou destruir o espaço, exploram e utilizam o “potencial [...] que os lugares altamente simbólicos e prestigiosos” de Atenas fornecem à propaganda imperial. Em um sentido mais urbanístico, a ágora de Atenas, com um ginásio e uma série de associações religiosas com a família imperial, se torna um equivalente do Campo de Marte de Roma, “praças públicas que serão invadidas por novas construções características do império”, conscientemente tornando inviáveis as reuniões do povo, então “venerado como entidade abstrata, o *Demos*, mas privado de toda possibilidade de ação direta [...]” (MARCHETTI, 2012, p. 220-1). Retorna-se deste modo, ainda que com um maior refinamento e novas associações, ao paradigma do fim da política enunciado por T. Leslie Shear Jr. em 1981.

Também em 2012 aparece o livro de Antony Spawforth, *Greece and the Augustan Cultural Revolution*. O livro de Spawforth é fortemente influenciado pelo modelo proposto por Andrew Wallace-Hadrill (2007) para a análise das transformações culturais na Itália entre os séculos II a. C. e I d. C. Em linhas muito gerais, Wallace-Hadrill defende que em Roma no século I a. C., além da ascensão social e política das elites italianas dentro do sistema imperial romano, ocorreu uma revolução cultural marcada pela subversão das tradições aristocráticas romanas em nome de um novo sistema cognitivo, baseado na cultura grega, levado a Roma por elites italianas helenizadas ao longo do século II a. C. (e que ao final deste chegaram a forjar uma identidade anti-romana); o principado de Augusto representou a vitória desta revolução cultural, pela qual os romanos passaram a definir a si e aos outros em termos gregos, ou ítalo-helênicos, mas apresentados como propriamente romanos. O livro de Spawforth discute as implicações desta “revolução cultural de Roma” para a Grécia: qual a ideia de identidade grega que os romanos manejam em seu contato com a Grécia, e qual o impacto disso na autorrepresentação dos gregos provinciais?

A tese de Spawforth é de que a “revolução cultural augustana”, em Roma e na Grécia, estava baseada em algumas oposições estruturais: masculino/feminino, gregos do passado/gregos do presente, Europa/Ásia. Dentro deste quadro, os romanos se identificavam como os verdadeiros herdeiros dos gregos do período clássico, cujas masculinidade militar e retidão moral venceram os bárbaros persas, amolecidos pelas amenidades asiáticas; os gregos do presente haviam perdido suas qualidades (influências asiáticas), e cabia aos romanos a re-helenização (clássica) dos gregos de então (missão imperial clara em diversas fontes romanas, em particular nas cartas de Cícero). Alguns elementos desta campanha restauradora dos romanos na Grécia eram

imediatamente visíveis nas intervenções augustanas no espaço urbano ateniense: é o caso da celebração das vitórias gregas sobre os persas (templo de Roma e Augusto na acrópole, santuários restaurados pelo decreto IG II2 1035), da celebração da disciplina militar (templo de Ares na ágora) e da retórica clássica ateniense (*Agrippeion*). Quanto à resposta das províncias, o autor afirma a adesão das elites locais ao projeto augustano, visível na proliferação dos cultos imperiais. Em síntese: a retomada do passado clássico ateniense, longe de ser uma resistência à dominação imperial, é uma das marcas centrais da romanização de Atenas, que age na forma de helenização (em termos ítalo-romanos). A metáfora para a romanização e seus ritmos, utilizada pelo autor, é clara: a romanização é como um “moinho de vento”, que sopra mais ou menos forte em função dos projetos dos diferentes imperadores (p. 130). Resistir, neste sentido, seria negar a valorização do passado clássico ateniense, algo particularmente improvável em Atenas.

Conclusão

A história dos estudos sobre as intervenções urbanas em Atenas na época de Augusto apresenta momentos bem distintos, e é oportuno sintetizar esta trajetória. O primeiro divisor de águas é o projeto de escavação da ágora ateniense a partir da década de 1930, dirigido pela Escola Americana de Atenas. O resultado das escavações deu aos pesquisadores a oportunidade de testar o modelo de P. Graindor (cidade provincial/centro cultural/oligarquia/arcaísmo) com uma quantidade e diversidade imensa de fontes; o resultado foi um refinamento do modelo a partir de uma argumentação espacial – o espaço urbano se torna um objeto de pesquisa em si. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, no entanto, ocorre uma revolução de ordem conceitual, com a discussão de novas abordagens e novas agendas intelectuais, relacionadas intimamente com os debates acerca do conceito de romanização. Na década de 1990, constrói-se a imagem de uma Atenas profundamente romanizada, vitrine da propaganda imperial construída pela iniciativa da casa imperial e com a colaboração das elites locais. Por outro lado, ainda na década de 1990, a pesquisa sobre Atenas augustana atinge outro patamar com o aparecimento das primeiras dissertações pós-escavações e, mais importante, com a publicação de extensos catálogos, em particular o de Baldassarri (1998); além disso, as comparações do caso de Atenas com outras cidades se torna mais esquemático – embora ainda hoje não tenham sido realizadas pesquisas mais aprofundadas nesta direção. Na década de 2000, entretanto,

surtem críticas radicais à romanização de Atenas: se por um lado a crítica ressalta a persistência das tradições locais como resistência à romanização (STEFANIDOU-TIVERIOU, 2008; DALLY, 2008), por outro a consideração de que o projeto intencionado não esgota os sentidos das intervenções demonstra que a romanização está longe de ser uma questão simples (ALCOCK, 2002) – a nostalgia, longe de ser um fenômeno natural da decadência, se torna uma estratégia política. O aparecimento de novos estudos da década de 2010 demonstra, entretanto, um retorno à romanização, seja pela via dos recuos temporais mais esquemáticos até o início do século II a. C. (RÖDEL, 2010; MANGO, 2010; MARCHETTI, 2012), seja pela desconstrução da “resistência” cultural (SPAWFORTH, 2012).

Na espera de novas escavações em áreas estratégicas para o período (todo o entorno da acrópole, particularmente os lados norte e noroeste), o progresso da pesquisa estará fatalmente ligado à discussão metodológica. Neste sentido, gostaria de concluir este balanço apontando algumas direções que parecem promissoras. Em primeiro lugar, raramente houve uma discussão teórica profunda das categorias empregadas na análise das intervenções, em particular as categorias de “propaganda” e “evergetismo”. No caso da “propaganda”, tem-se a impressão de que as intervenções religiosas (restaurações e transposições de santuários, construção de templo) funcionassem simplesmente para a propaganda imperial, quase que numa estetização da religiosidade, o que não é, nem de longe, garantido pela documentação. No caso do evergetismo, não se discute o modo como a prática de doações de diversos bens e serviços às cidades se relaciona com a produção do espaço urbano nestas cidades, ou seja, na lógica evergética da produção do espaço urbano e, conseqüentemente, da reprodução das relações evergéticas. Em segundo lugar, finalmente, a comparação dos programas urbanos como um todo em diversas cidades, sincrônica e diacronicamente, deve ser incentivado para uma compreensão global das intervenções, superando as comparações limitadas a edifícios singulares, e considerando, certamente, as diferentes relações das cidades concretas com o poder local e o poder romano. Em terceiro lugar, pouca atenção foi dada, curiosamente, à história do espaço ateniense no período augustano: as intervenções urbanas foram tomadas como meio para se desvendar as intenções de agentes imperiais ou elites locais, enquanto que o modo como a cidade era (re)produzida, por meio de padrões intervenção presentes nas relações entre sociedade e espaço foram raras vezes trabalhados. Um exemplo eloqüente é a relação entre continuidade e ruptura entre as intervenções helenísticas (de reis de Pérgamo, Egito, Síria, Capadócia etc) e as romanas:

se por um lado o evergetismo como lógica autônoma na produção do espaço é o elemento estruturador, por outro se observa nas intervenções associadas à presença romana um mercado “antiquarianismo urbano”, evidente, por exemplo, no esforço em evitar praticar demolições e remodelagens radicais do espaço, por oposição ao seu uso recorrente no século II a. C. Uma categoria de análise, bastante citada, mas pouco desenvolvida, é aquela de *programa*, tal como proposto por Philippe Bruneau em 1976, para o qual o programa implícito em determinada intervenção material não está limitado às intenções de seu projeto: “o usuário que utiliza o objeto participa [do programa] tanto quanto o fabricante que o produziu” (BRUNEAU, 1976, p. 106). Assim, dissociar os diferentes momentos de realização do programa – neste caso, do programa urbano – é fundamental para se compreender seus diferentes significados: a busca, a manufatura, o uso e o descarte/reuso, em função dos diferentes sujeitos e grupos sociais interagem com/nas intervenções, envolvendo tanto os constrangimentos materiais e técnicos quanto as relações sociais de produção e os repertórios formais. Assim, de modo a superar a “questão das iniciativas” ou das “intenções” (que fundamentam, em grande medida, o debate propaganda x resistência), acreditamos que a noção de programa tem muito a contribuir no debate.

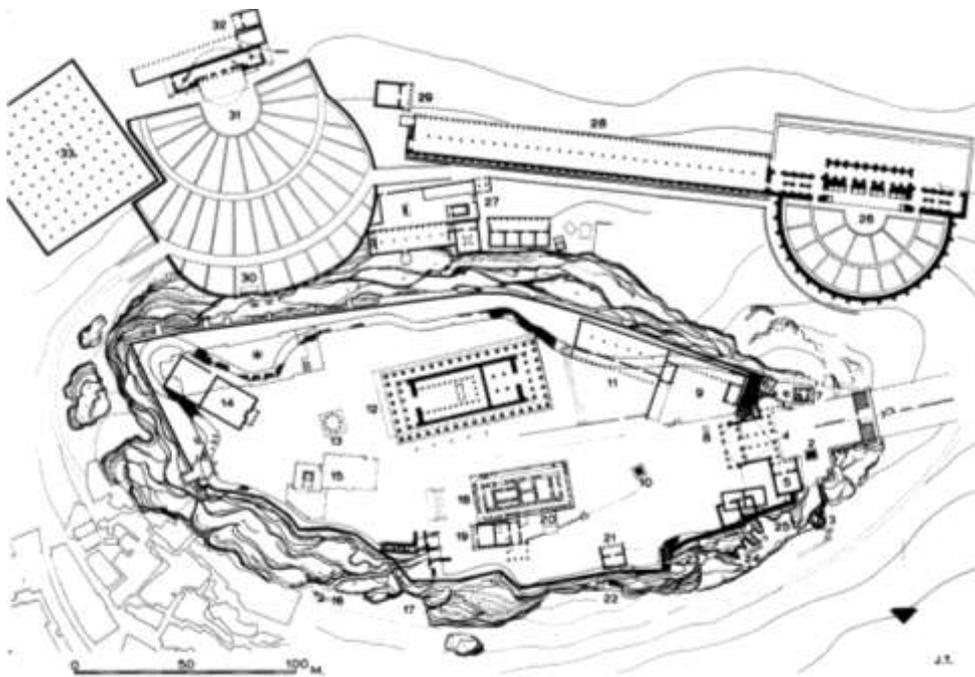


Figura 01
Planta da acrópole de Atenas no período romano [<http://www.agathe.gr>]⁸

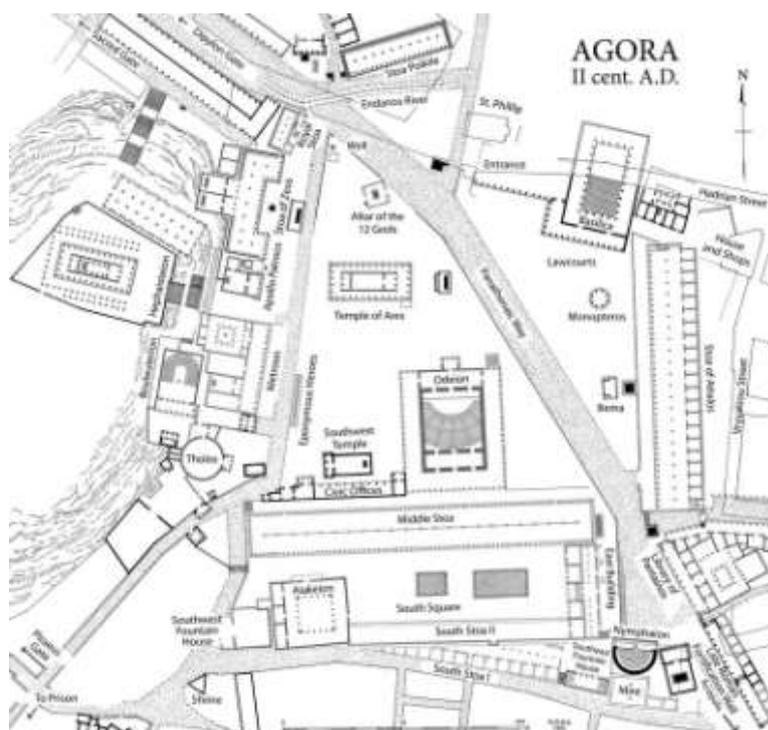


Figura 02
 Planta da agora ateniense no período romano [www.agathe.gr]⁹

Referências Bibliográficas

- ALCOCK, S. *Graecia Capta: the landscapes of Roman Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____. Roman Greece: landscape of resistance? In: *Dialogues in Roman Imperialism: Power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire*. Portsmouth: Journal of Roman Archaeology (Supplementary series, n. 23), 1997, p. 103-15.
- _____. *Archaeologies of the Greek Past: landscape, monuments, and memories*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BALDASSARRI, P. *Sebastoi soteri: edilizia monumentale ad Atene durante Il Saeculum Augustum*. Roma: G. Bretschneider, 1998.
- BRUNEAU, Ph. Quatre propos sur l'archéologie nouvelle. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, v. 100, n. 100-1. p. 103-135, 1976.
- BURDEN, J. *Athens remade in the age of Augustus*. Dissertation, University of California, 1999.
- BUSTAMANTE, R. Práticas culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade. In: MENDES, N.; SILVA, G. V. *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/EDUFES, 2006, p. 109-136.
- CAMP, J. *The Athenian Agora: site guide*. Princeton: ASCSA, 2010.
- DAY, J. *An economic history of Athens under Roman domination*. New York: Columbia University Press, 1942.

- DINSMOOR. The monument of Agrippa at Athens (Abstract of Paper read at General Meeting). *American Journal of Archaeology*, v. 24, p. 83, 1920.
- DMITRIEV, S. *City government in Hellenistic and Roman Asia Minor*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- DÖRPFELD, W. *Alt-Athen und seine Agora*. Osnabrück: Otto Zeller, 1937.
- FINLAY, G. *Greece under the Romans: a historical view of the condition of the Greek nation, from the time of its conquest by the Romans until the extinction of the Roman Empire in the East, B. C. 146 – A. D. 717*. Edinburgh and London: William Blackwood and sons, 1844.
- GRACE, V. The Middle Stoa dated by Amphora Stamps. *Hesperia*, v. 54, n. 1, p. 1-54, 1985.
- GRAINDOR, P. *Athènes sous Auguste*. Cairo: Imprimerie Misr, 1927.
- GROS, P. Nouveaux paysage urbain et cultes dynastiques: remarques sur l'idéologie de la ville augustéenne à partir des centres monumentaux d'Athènes, Thasos, Arles et Nîmes. In: GOUDINEAU, C. ; REBOURG, A. (eds.) *Les Villes augustéennes de Gaule*. Autun: Société Eduenne des Lettres, Sciences et Arts, 1991, p. 127-40.
- GUARINELLO, N. Ordem, integração e fronteiras no Mediterrâneo antigo: um ensaio. *Mare Nostrum* (São Paulo), v. 1, p. 113-127, 2010.
- HAMILAKIS, Y. Double Colonization : the Story of the Excavations in the Athenian Agora (1924-1931). In: *Hesperia*, v. 82, n.1, p. 153-177, 2013.
- HAHN, Ludwig. *Rom und Romanismus im griechisch-römischen Osten*. Mitbesonderer Berücksichtigung der Sprache. Bis auf die Zeit Hadrians. Leipzig: Dieterich, 1906.
- HANSEN, M. The 'Autonomous City-State'. Ancient fact or modern fiction? In: HANSEN, M. H.; RAAFLAUB, K. (eds). *Studies in the Ancient Greek Polis*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1995, p. 21-43.
- HAVERFIELD, F. *The Romanization of Roman Britain*. Oxford: Clarendon Press, 1912.
- HINGLEY, R. *Roman Officers and English Gentlemen*. The Imperial Origins of Roman Archaeology. Londres: Routledge, 2000.
- _____. *Globalizing Roman Culture*. Unity, diversity and empire. Londres: Routledge, 2005.
- HOFF, M. Civil Disobedience and Unrest in Augustan Athens. *Hesperia*, v. 58, n. 3, p. 267-76, 1989.
- JULLIAN, C. *Histoire de la Gaule*. 8 vols. Paris: Hachette, 1908-1926.
- KEAY, S.; TERRENATO, N. (eds.). *Italy and the West: comparative Issues in Romanization*. Oxford: Oxbow, 2001.
- KOHL, M. La genèse du portique d'Attale II. Origine et sens des singularités d'un bâtiment construit dans le cadre de la nouvelle organisation de l'agora d'Athènes au IIe siècle av. J.-C. In : MARC, J.-Y. ; MORETTI, Ch. (ed.). *Constructions publiques et programmes édilitaires en Grèce : entre le IIe siècle av. J.-C. et le Ier siècle ap. J.-C.* Athènes/Paris, École Française d'Athènes/De Boccard, 2001, p.237-266.
- LE ROUX, Patrick. La romanisation en question. *Annales*(Histoire, Sciences Sociales), 59^e année, n. 2, p. 287-311, 2004.
- LIPOLLIS, E. Tra Il ginnasio di Tolomeo Ed Il Serapeion: La ricostruzione topográfica di um quartiere monumentale di Atene. *Ostraka*, anno IV, n. 1, p. 43-68, 1995.
- _____. Apolo Patroos, Ares, Zeus Eleutherios. Culto e architettura di stato di Atene tra La democrazia e i macedoni. *Annuario della Scuola Archeologica di Atene*, v. 76-78, s. 60-62, p. 139-218, 2001.
- MAHAFFY, J. *The Greek World under Roman Sway*. London and New York: Macmillan and Co., 1890.

- MANGO, E. *Tanta vis admonitionis inest in locis – Zur Veränderung von Erinnerungsräumen im Athen des 1. Jahrhunderts v. Chr.* In: KRUMEICH, R.; WITSCHHEL, Chr. *Die Akropolis von Athen im Hellenismus und in der römischen Kaiserzeit.* Wiesbaden: Reichert Verlag, 2010, p.117-155.
- MARCHETTI, P. Métamorphoses de l'agora d'Athènes à l'époque augustéenne. In: CAVALIER, L.; DESCAT, R.; DES COURTILS, J. (éds). *Basiliques et Agoras de Grèce et d'Asie Mineure.* Bordeaux: Ausonius, 2012, p. 207-223.
- MATTINGLY, D. (ed). *Dialogues in Roman Imperialism: Power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire.* Portsmouth: Journal of Roman Archaeology (Supplementary series, n. 23), 1997.
- MCALLISTER, M. The temple of Ares: review of the evidence. *Hesperia*, v. 28, n. 1, p. 1-64, 1959.
- MILLETT, M. *The Romanization of Britain: an essay in archaeological interpretation.* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MOMMSEN, T. *History of Rome V. The provinces of the Roman Empire from Caesar to Diocletian.* London: R. Bentley, 1886.
- NORTH, J. Ancient History Today. In: ERSKINE, A. (ed.). *A companion to Ancient History.* Oxford: Blackwell, 2009, p. 89-98.
- OSANNA, M. Il problema topográfico del santuario di Afrodite Urania ad Atene. In: *Annuario della Scuola Archeologica di Atene*, v. 66-67, Roma, 1988-89, p. 73-96.
- PINTO, R. Arqueologia e romanização: os discursos arqueológicos e a cultura material da Bretanha romana. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Dissertação de Mestrado), 2003.
- RÖDEL, C. *Von Lucius Aemilius Paullus zu Augustus – Stiftungen von Römern in Athen.* In: KRUMEICH, R.; WITSCHHEL, Chr. *Die Akropolis von Athen im Hellenismus und in der römischen Kaiserzeit.* Wiesbaden: Reichert Verlag, 2010, p. 95-115.
- SCHMALZ, G. *Public Building and civic identity in Augustan and Julio-Claudian Athens.* Dissertation, University of Michigan, 1995.
- _____. The Athenian Prytaneion discovered? *Hesperia*, v. 75, n. 1, p. 33-81, 2006.
- _____. Inscribing a ritualized past: restoration decree IG II2 1035 and cultural memory in Augustan Athens. *Eulimene (Rethymno-Grécia)*, v. 8-9, p. 9-46, 2007-2008.
- SHANKS, M. *Classical Archaeology of Greece: experiences of the discipline.* London and New York: Routledge, 1996.
- SHEAR Jr. T. L. The Athenian Agora: Excavations of 1971. *Hesperia*, v. 42, n. 2, p. 121-179, 1973.
- _____. Athens: from city-state to provincial town. In: *Hesperia*, v. 50, n. 4, p. 356-77, 1981.
- SHERWIN WHITE, A. *Roman citizenship.* Oxford: Clarendon Press, 1973.
- SILVA, B. Romanização e os séculos XX e XXI: a dissolução de um conceito. In: *Mare Nostrum* (São Paulo), São Paulo, n. 2, p. 1-19, 2011.
- SPAWFORTH, A. *Greece and the Augustan Cultural Revolution.* Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- STEFANIDOU-TIVERIOU, Th. Tradition and Romanization in the monumental landscape of Athens. In: VLIZOS, S. *Athens during the Roman period.* Athens, Mouseio Benaki, 2008, p. 11-42.
- THOMPSON, H. Buildings in the West Side of the Agora. *Hesperia*, v. 6, n. 1, p. 1-226, 1937.
- _____. The Odeion in the Athenian Agora. *Hesperia*, v. 19, n. 2, 31-141, 1950.
- _____. Activity in the Athenian Agora: 1966-1967. *Hesperia*, v. 37, n. 1, p. ???

- THOMPSON, H.; WICHERLEY, R. E. *The agora of Athens*. Princeton: *The American School of Classical Studies at Athens*, 1972.
- TORELLI, M. L'immagine dell'ideologia augustea nell'agora de Atene. *Ostraka*, anno IV, n. 1, p. 9-32, 1995.
- TRAVLOS, J. *Pictorial dictionary of Ancient Athens*. New York: Praeger, 1971.
- VLASSOPOULOS, K. *Unthinking the Greek Polis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- WALKER, S. Athens under Augustus. In: HOFF, M. C.; ROTROFF, S. (eds.). *The Romanization of Athens*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- WOOLF, Greg. Becoming Roman, Staying Greek: culture, identity and the civilizing process in the Roman East. In: *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 40, p. 116-43, 1994.
- _____. *Becoming Roman: the origins of Provincial Civilization in Gaul*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1998.

Notas

¹ Em função disso, foram excluídos os estudos que analisam aspectos ou conjuntos documentais específicos, sem com isso propor sínteses sobre a história urbana ateniense, ainda que se tornem as bases para as interpretações gerais. Dentre eles, destacam-se os relatórios das escavações gregas, alemãs e americanas em Atenas desde meados do século XIX, além dos numerosos estudos arqueológicos e epigráficos de pesquisadores como H. Thompson e J. Oliver.

² A identificação do templo Noroeste depende da identificação de uma outra fundação, localizada na encosta norte da Kolonos Agoraios, ao sul da via panatenaica. Esta fundação foi quase inteiramente destruída durante a construção do trem urbano em 1891, e os relatórios arqueológicos não são conclusivos. Na década de 1940, J. Travlos interpretou esta fundação retangular como sendo o templo do santuário de Afrodite Urânia, mencionado por Pausânias. No entanto, com a descoberta do templo Noroeste, os escavadores localizaram nele o templo de Afrodite Urânia, e consideraram a “fundação” como apenas uma escadaria que levava ao topo da Kolonos Agoraios (CAMP, 2010, encarte). No entanto, com base nos depósitos votivos e em outras evidências, M. Osanna retomou a identificação da “fundação” como sendo do templo de Afrodite Urânia, enquanto o templo Noroeste seria um templo de Hermes, também mencionado por Pausânias naquela região (OSANNA, 1988-89); para Torelli (1995, p. 30), o templo Noroeste, dedicado a Hermes, seria uma primeira intervenção de Augusto na ágora, ainda respeitando a lógica espacial original, enquanto BALDASSARRI (1998, p. 262) considera que a construção do templo ocorreu no final do reinado de Augusto. O tema ainda é controverso, como testemunham as diferentes plantas da ágora produzidas pela Escola Americana: se num primeiro momento, na área da “fundação” representavam uma escadaria, ultimamente as plantas situam lá um templo, mas sem identificação.

³Tornou-se consenso que este templo data de época posterior ao período augustano; cf. Baldassarri (1998, p. 202-208).

⁴ O papel do festival na propaganda augustana, apenas indicado em Graindor, é longamente analisado por Burden. O argumento é que as intervenções augustanas, com a exceção dos anexos à stoa de Zeus, se situam todos no percurso da procissão: as stoas e templos no noroeste da ágora, o templo de Ares e o *Agrippeion* formando uma quina com a via panatenaica; o pórtico da Ágora Romana dedicado a Atena, visto da via panatenaica na saída da ágora; a quadriga de Agripa, a reforma do *Erechtheion* e o templo de Roma e Augusto, já no topo da acrópole, marcariam o último trecho da procissão antes do Partenon. Como argumento adicional, Burden, seguindo Graindor, interpreta a procissão representada no “Altar da Paz”, construído em Roma por Augusto, como uma procissão panatenaica (BURDEN, 1999, p. 210-25).

⁵Mencionado em Dio Cássio, *Historia romana*, 54.7.2-3; cf. HOFF, 1989.

⁶Um texto que marca a passagem de uma visão materialista (de sujeição) a uma culturalista (de resistência) da Grécia romana é ALCOCK (1997).

⁷ A localização do Ptolemeion é uma das maiores controvérsias da topografia ateniense: até a década de 1980, o Ptolemeion era alternativamente identificado na ágora – a chamada “Praça Sul” – e na região mais ao leste da Ágora Romana (Schmalz, 2005). Com a descoberta da localização do santuário de Aglauros em uma caverna na encosta leste da acrópole, associada ao fato de que Pausânias menciona o Ptolemeion

pouco antes de falar do Aglaureion, fez com que os pesquisadores abandonassem a expectativa de localizar o ginásio de Ptolomeu na ágora ateniense. P. Marchetti se contrapõe ao consenso a partir tanto de uma releitura de Pausânias, que não estaria falando da mesma região nas duas passagens, quanto da análise de inscrições e de esculturas relacionadas à Praça Sul e que seriam coerentes com o ginásio de Ptolomeu. Dado caráter recente das propostas de Marchetti, ainda não é possível medir sua influência entre os topógrafos de Atenas. Cf. THOMPSON (1968), TRAVLOS (1980), LIPOLLIS (1995), SCHMALZ (2005).

⁸ Disponível em: <<http://agathe.gr/id/agora/image/2008.01.0201>>. Acesso em out. 2013.

⁹ Disponível em: <<http://agathe.gr/id/agora/image/2008.18.0013>>. Acesso em out. 2013.

Artigo recebido em 28/10/2013. Aprovado em 26/11/2013.